

# AS MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DA CULTURA E SUA APLICABILIDADE NA ESCOLA E COM AS JUVENTUDES

THE COMMUNICATIVE MEDIATIONS OF CULTURE AND ITS APPLICABILITY IN SCHOOL AND AMONG YOUTHS

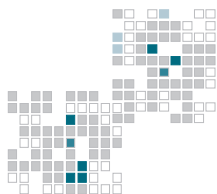
*LAS MEDICIONES COMUNICATIVAS DE LA CULTURA Y SU APLICABILIDAD EN LA ESCUELA Y CON LAS JUVENTUD*

## Patricia Goedert Melo

- Mestre pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).
- E-mail: patigmelo@hotmail.com.

## Regiane Regina Ribeiro

- Docente da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Seus trabalhos mais importantes são: Comunicando diferenças: os processos de hibridização a partir da leitura de la différence nos Estudos Culturais (2014), O fandom e seu potencial como comunidade interpretativa. Culturas Midiáticas (2016), Jovens, consumo e convergência midiática (2017).
- E-mail: regianeribeiro5@gmail.com.



## RESUMO

O artigo propõe a aplicabilidade teórico-metodológica do mapa das mediações de Martín-Barbero (2003) no espaço da escola e com as juventudes do Colégio Estadual do Paraná (Curitiba-PR). A metodologia articula observação participante, entrevista, grupos de discussão e análise no Facebook. A diversidade dos modos de ser jovem entrelaçadas ao cotidiano do colégio constituem práticas sociais vinculadas ao eixo comunicação-cultura-política. O estudo aponta que, para que essas práticas ganhem expressividade, os alunos as comunicam por meios e plataformas que carregam em sua materialidade e significações as mediações comunicativas da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO; MEDIAÇÕES; MARTÍN-BARBERO; JUVENTUDE.

## ABSTRACT

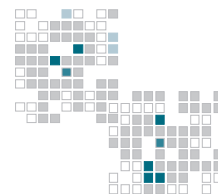
This article proposes the theoretical and methodological applicability of the map of mediations by Martín-Barbero (2003) in the school space and with youths of Colégio Estadual do Paraná (Curitiba-PR). The methodology relates observation, interviews, discussion groups and analysis on Facebook. The diversity of youths intertwined with the daily life of the school are social practices linked to the communication-culture-political axis. The study points out that for these practices to gain expressiveness, students communicate them through media and platforms that carry in their materiality and meanings the communicative mediations of culture.

KEYWORDS: COMMUNICATION. MEDIATIONS. MARTIN-BARBERO. YOUTH.

## RESUMEN

El artículo propone la aplicabilidad teórico-metodológica del mapa de las mediaciones de Martín-Barbero (2003) en el espacio de la escuela y con las juventudes del Colegio Estadual de Paraná (Curitiba-PR). La metodología articula observación, entrevista, grupos de discusión y análisis en Facebook. La diversidad de los jóvenes entrelazadas al cotidiano constituyen prácticas sociales vinculadas al eje comunicación-cultura-política. El estudio apunta que, para que esas prácticas ganen expresividad, los alumnos las comunican por medios y plataformas que cargan en su materialidad y significaciones las mediaciones comunicativas de la cultura.

PALAVRAS CHAVE: COMUNICAÇÃO. MEDIAÇÕES. MARTÍN-BARBERO. JUVENTUDE.



## 1. Introdução

O artigo apresenta caminhos para a aplicabilidade teórico-metodológica do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero (2003) no tocante a escola e as juventudes. O espaço pesquisado é o Colégio Estadual do Paraná – conhecido também como CEP ou Estadual. Situada em Curitiba-BR, a instituição atende cerca de 5 mil estudantes e é considerada o mais antigo colégio público do estado. A sede atual foi inaugurada no dia 29 de março de 1950, sendo que a escola representa a continuidade do *Licêo de Curitiba*, fundado em 1846. Já os sujeitos da pesquisa são jovens do Ensino Médio, apreendendo o aluno para além da escola e o compreendendo inserido em um tempo de mudança<sup>1</sup>.

A entrada no campo empírico – ainda de forma exploratória – ocorreu durante o mês de novembro e os primeiros dias de dezembro de 2015. Etapa esta fundamental para começar a compreender a trama cultural e simbólica do Estadual, lançando o olhar para as práticas sociais cotidianas que permeiam as relações dos jovens com a escola e percebendo como os processos comunicativos são fundamentais nessa conjuntura.

Por esta trilha, o estudo traçou suas reflexões para compreender como as mediações comunicativas da cultura estão representadas pelos processos comunicativos protagonizados pelos alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual do Paraná. A partir disso, a análise identificou as me-

diações e mostrou de que maneira elas estão incrustadas nas práticas sociais cotidianas mais recorrentes e circunstanciadas ao cotidiano dos jovens alunos do Estadual. O *corpus* é composto por registros do diário de campo, imagens e textos de autoria dos alunos, trechos transcritos de entrevistas e postagens no Facebook.

O presente texto está organizado em três tópicos. O primeiro apresenta um exercício cartográfico como caminho para identificar e categorizar as práticas sociais cotidianas mais recorrentes da escola: orgulho da história do colégio; engajamento político; expressão artística; equidade de gênero. O segundo se propõe a debater a comunicação como constituidora da organização social e cultural do espaço e das relações dos sujeitos, vista como produção e partilha dos sentidos por meio da materialização de diferentes formas simbólicas.

Já o terceiro tópico traz o mapa das mediações comunicativas da cultura (Martín-Barbero, 2003) como eixo teórico-metodológico da pesquisa, adaptando a sua aplicabilidade à realidade empírica observada no Colégio Estadual do Paraná. O conjunto da análise aponta que as práticas investigadas alcançam expressividade quando os estudantes as comunicam pelos mais variados processos comunicativos. E que tais processos trazem, em sua materialidade, não só o caráter instrumental, mas também as mediações comunicativas da cultura: tecnicidade; socialidade; ritualidade; institucionalidade.

## 2. A comunicação como costura das práticas sociais cotidianas

Com base nos registros da observação do campo, adotou-se uma cartografia, constituída de categorias que fornecessem subsídios para diagnosticar as práticas sociais cotidianas mais recorrentes e simbólicas na cultura da escola, e que consolidassem referências aos jovens para a expressividade, representatividade, criação de laços afetivos

<sup>1</sup> Os estudantes do CEP protagonizaram nos últimos anos dois momentos de relevância histórica e social. O primeiro foi durante a greve dos professores do estado do Paraná, em 2015. A data de 29 de abril daquele ano repercutiu devido ao violento confronto entre manifestantes e policiais militares sob o comando do Governo Estadual. Os alunos do colégio estavam presentes nessas manifestações, uniformizados e em grupo, caminhando em passeata, ecoando gritos de guerra e palavras de ordem etc. O segundo momento foi durante as ocupações das escolas públicas do Paraná (que começou no dia 04 de outubro de 2016 e terminou no dia 09 de novembro do mesmo ano). O ápice deste movimento chegou a mais de 700 escolas ocupadas pelos jovens secundaristas – sendo que o CEP era uma dessas instituições.

e ações coletivas. A partir desta operação, “foram constituídas categorias capazes de diagnosticar recorrências e consolidar critérios constitutivos [...] e formas por meio dos quais jovens constroem referências para estar juntos” (Borelli; Aboboreira, 2011, p. 165).

O exercício cartográfico – conforme mostra a figura a seguir – resultou em um mapeamento dessas práticas categorizadas como **orgulho da história do colégio; engajamento político; expressão artística; equidade de gênero**.

Tais práticas estão articuladas ao eixo comunicação-cultura-política que simboliza a conexão-central que alicerça toda a trama de significações a partir das relações e interações sociais entre os alunos. (Fig.1)

Uma vez percebida a existência dessa tessitura que envolve os processos e as materialidades da comunicação, incrustando práticas sociais cotidianas em sua estrutura, gerou-se a seguinte dúvida: Como esses nexos costumam o tecido simbólico do colégio entrelaçados à comunicação?

Para responder esta questão é preciso reforçar que os processos comunicativos observados se realizam mediante a apropriação da escola pelos estudantes. A utilização cotidiana-comunicativa que os jovens fazem deste espaço deve ser entendida como formas de fazer e usar a escola – extrapolando, assim, a compreensão da comunicação como ação instrumental.

Sendo o espaço escolar formado por uma multiplicidade de sentidos, a investigação mostrou que as práticas cotidianas trançam seus fios pelas dimensões comunicativa, cultural e política. O sistema de significados dessa escola se forma a partir dessa tríade, pois, para expressarem seus modos de sentir, de ver e de perceber o mundo (modos de ser jovem), os alunos se engajam

Figura 1 - Mapeamento das práticas sociais cotidianas dos alunos do Ensino Médio do CEP observadas como as mais recorrentes



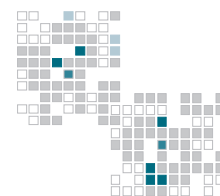
Fonte: Próprias autoras (2016).

em ações comunicativas ligadas à cultura (tanto como linguagem ou como sentidos compartilhados) e à política (seja pelo envolvimento em manifestações estudantis ou pela representatividade de gênero). Este trinômio serve de eixo para as relações dos sujeitos que vivem o cotidiano do colégio, tramando os pontos de conexão em sua estrutura.

Tais práticas servem aos sujeitos jovens como momentos de encontro, afetividade, diversidade, pertencimento e reconhecimento. Para que elas ganhem expressividade, os alunos as promovem por meio da articulação com a comunicação, a cultura e a política. Ou seja, elas são visibilizadas quando materializadas pelos processos comunicativos – sendo que as reconfigurações de sentido não são apenas discursivas, estéticas e territoriais, são também simbólicas e identitárias.

### 3. A comunicação como constituidora da vida social

A comunicação é vista aqui como um processo social e cultural de produção e de partilha dos sentidos por meio da materialização das mais diferentes formas simbólicas. Para avançar nessa perspectiva, incluindo as interações entre os su-



jeitos sociais como campo de estudo, é preciso investigar os processos comunicativos além de sua análise instrumental.

Compreende-se que estudar a comunicação não significa separar os objetos comunicativos como fatos isolados da sociedade, mas sim observar seus usos e significados inseridos no contexto das dinâmicas comunicativas queo constituem. O que equivale a perceber que o uso de meios e plataformas – internet, sites de redes sociais digitais, celulares, fotografias, vídeos etc. – fazem parte do universo dos jovens alunos do CEP, mas que suas relações comunicativas se concretizam, especialmente, no tocante aos processos sociais, culturais e simbólicos. Ou seja, a comunicação ultrapassa sua face mais evidente “para se oferecer enquanto um outro lugar de conhecimento dirigido ao conjunto da vida social” (França, 2003, p. 43).

Identificou-se que a comunicação – junto com a cultura e a política – atua como o ângulo da trama das relações sociais dos jovens alunos do Estadual, funcionando como constituidora da organização simbólica do espaço e das relações dos sujeitos. Quando ligada às práticas cotidianas que mais se destacaram na análise, a comunicação se reconfigura em interações materializadas pelos processos comunicativos, os quais “não correspondem a um domínio de fatos particulares no espaço social. Pois eles são oriundos do processo de constituição deste espaço” (Quére, 1982, *apud* França, 2003, p. 42).

Os meios encontrados pelos jovens para comunicarem seus pensamentos e posicionamentos sobre o mundo [processos comunicativos] – seja pelos gritos de guerra, dança, vídeos, sites de redes sociais, cartazes etc. – não teriam sentido (produzido ou compartilhado) se estivessem descolados das práticas sociais e culturais dos alunos e/ou isolados da espacialidade do colégio. Por esta abordagem, a comunicação deixa de ser um processo recortado e restrito e se converte em perspectiva integradora para se pensar a própria vida social.

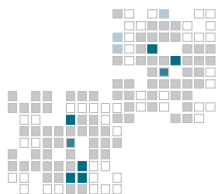
Essa reflexão sobre a comunicação serviu de base para se apropriar, no percurso da pesquisa, do conceito de mediações comunicativas da cultura, de Martín-Barbero (2003, 2004). Para ele, as mediações são

*[...] sentidos e usos que, em suas tentativas e tensões, remetem, de uma parte, à dificuldade de superar a concepção e as práticas puramente instrumentais para assumir o desafio político, técnico e expressivo que leva o reconhecimento na prática da espessura cultural que hoje contêm os processos e os meios de comunicação, mas de outra parte remetem também ao lento surgimento de novas esferas do público e formas novas de imaginação e criatividade de social. (Martín-Barbero, 2004, p. 230).*

Ainda, segundo Borelli, Rocha e Oliveira (2009), é na observação do cotidiano, das relações e dos sujeitos que se encontram as mediações. “As mediações são as práticas cotidianas que mesclam, alteram e tensionam as relações entre polos; são o âmbito de identificação e diferenciação, de sedução e resistência, de conflito, contradições, lutas e adesões” (Borelli; Rocha; Oliveira, 2009, p. 35). As autoras trabalham com as ideias de Martín-Barbero (2003) para salientar que, em um campo mais amplo da comunicação, as culturas juvenis precisam ser investigadas a partir das mediações, pois trata-se de uma questão de cultura, portanto, de reconhecimento.

Pesquisar as práticas cotidianas do CEP sob o ponto de vista das mediações colabora para tensionar o paradigma sobre a comunicação enquanto processo de transmissão de informação, marcado pela linearidade, funcionalidade e busca da eficácia. Romper com este modelo informacional impulsiona um olhar investigativo que não enxerga os processos comunicativos somente como instrumentos mediados pela tecnologia.

Perceber a comunicação como base das articu-



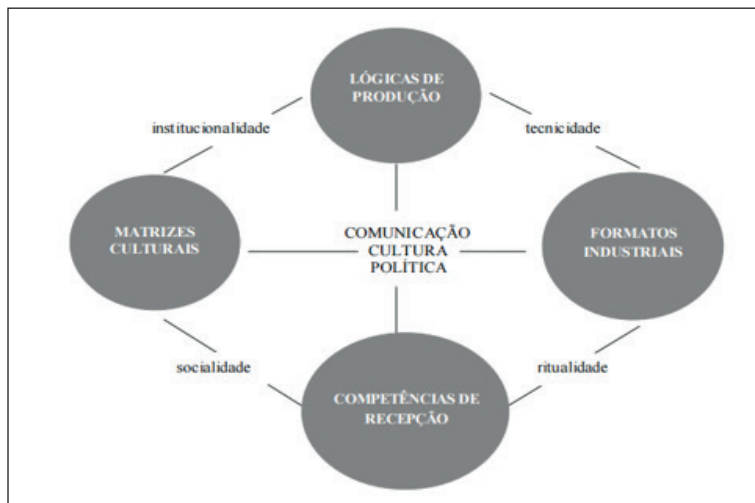
lações das subjetividades juvenis é apreender o processo de como os jovens se colocam em contato com os outros, produzindo sentidos e negociando significados (Borelli; Rocha; Oliveira, 2009). A questão passou a ser de que maneira o mapa metodológico das mediações (Martín-Barbero, 2003) poderia ser aplicado à realidade do espaço e dos sujeitos pesquisados.

#### 4. O mapa das mediações do colégio estadual do paraná

A proposição de Martín-Barbero é inverter o olhar direcionado às mediações sociais e culturais dos meios de comunicação para compreender a cultura e as mediações a partir da comunicação. Isto significa que há o reconhecimento de um circuito comunicativo que integra a produção, a circulação e a recepção dos sentidos. A principal mudança epistemológica é reconhecer que a comunicação está “mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se inverte no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação” (Martín-Barbero, 2003, p. 153).

É preciso levar em consideração que os objetos de investigação que serviram de base para o autor compreender a comunicação enquanto

Figura 2 – Ilustração com base no Mapa das Mediações<sup>2</sup>



Fonte: Adaptado de Martín-Barbero (2003, p. 16).

prática social e o cotidiano como possibilidade de pesquisa – e que culminou na criação do mapa metodológico das mediações – foram, especialmente, a telenovela e o melodrama. Nesse sentido, outros autores latino-americanos avançaram na discussão das mediações, sendo os principais Nestor Garcia-Canclini (2008; 2015) e Guillermo Orozco-Gómez (2000).<sup>3</sup>

Porém, ao descentralizar a tecnologia como mediadora da sociedade e, ao mesmo tempo, compreender diversas outras formas de mediações socioculturais inerentes ao processo comunicativo, espaços como a igreja, a família, o bairro e também a escola podem ser articulados neste raciocínio.

A partir de tal entendimento, o desafio aqui proposto foi utilizar o mapa das mediações comunicativas da cultura como eixo teórico-meto-

<sup>2</sup> A concepção do mapa das mediações, usada aqui como referência, foi publicada em 1998 no prefácio da 5ª edição castelhana do livro *De los medios a las mediaciones*, traduzida para o português em 2003, e efetivamente articulado em *Ofício do Cartógrafo* (2004).

<sup>3</sup> Nestor Garcia-Canclini (2008; 2015) defende a ideia de que existem mediadores no processo de comunicação. Para o autor, não é suficiente admitir que existam diversas formas de recepção e que a relação de circulação do sentido é polissêmica e não linear – é preciso investigar os processos em um quadro conceitual mais amplo, o qual poderia surgir das teorias e pesquisas sobre o consumo. Consumo, para o autor, seria o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Guillermo Orozco-Gómez (2000), ao ampliar o conceito de Martín-Barbero, observa o processo comunicacional a partir de três dimensões: médium, tecnologia e instituições e atribui a esse processo um novo conceito: o de “televidência”. O conceito pretende substituir aquilo que no campo da comunicação se constitui como a leitura do discurso televisivo pelo ato de assistir à TV, de “telever”. Orozco afirma que os sujeitos, enquanto membros de uma audiência, possuem características individuais, mas também “contratos de vidência”, que permitem ao receptor se conectar com outros membros da audiência, formando uma comunidade de apropriação e interpretação dos referentes televisivos.

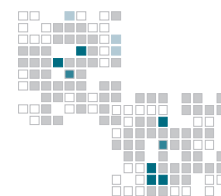
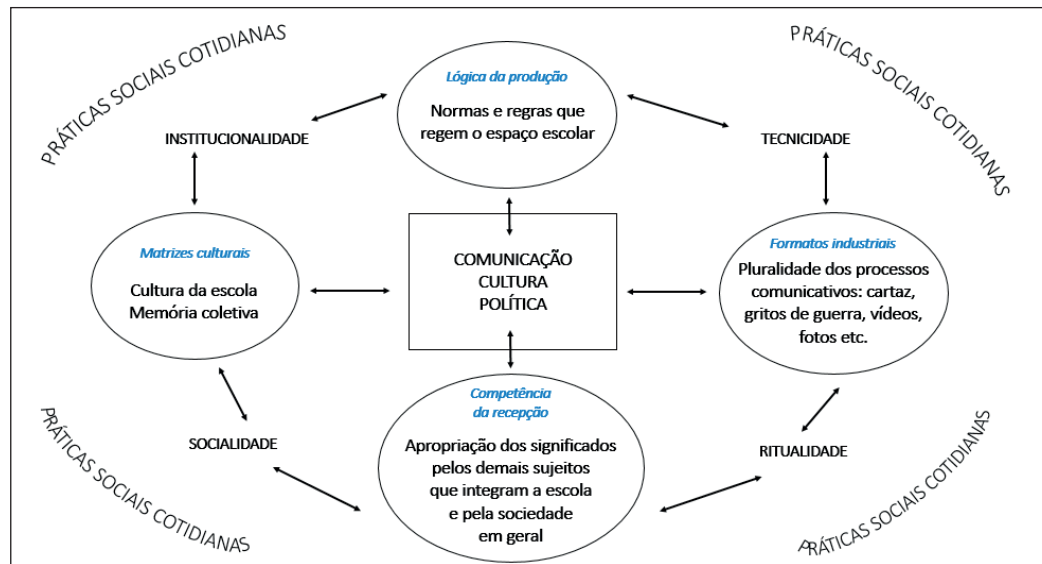




Figura 3 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura do Colégio Estadual do Paraná



Fonte: Elaborado pelas autoras com base no modelo proposto por Martín-Barbero (2003).

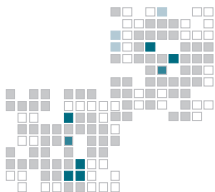
dológico da pesquisa, adaptando a sua aplicabilidade à realidade empírica observada no Colégio Estadual do Paraná.

Lopes explica que “a abordagem das mediações se afirma como renovadora em função de que a noção de mediação emerge de uma visão (re)integradora dos fenômenos de comunicação a partir do trinômio comunicação-cultura-política” (Lopes, 2014, p. 68) – chamadas também de mediações constitutivas. Afirmar esta que leva à reflexão sobre o objeto aqui tensionado, uma vez que a pesquisa de campo apontou que tal trinômio é o eixo das relações sociais e simbólicas dos sujeitos que fazem parte da trama do CEP.

Mas, como aplicar o mapa de Martín-Barbero se o contexto analisado não segue a lógica da produção midiática, nem as competências de recepção de produtos midiáticos? O caminho proposto foi apresentar um mapeamento metodológico das mediações específico à realidade investigada, respeitando a coerência conceitual dos quatro eixos (também chamados de mediações empíricas: matrizes culturais, formatos industriais, lógica de produção e competência de recepção) e das mediações comunicativas da cultura (socialidade, ritualidade, tecnicidade e institucionalidade). (Fig.3)

Uma vez apreendido o conceito de mediações como uma espécie de estrutura incrustada na trama social e na vida das pessoas, o esquema acima ajuda a operacionalizar a investigação dos fenômenos que relacionam as práticas sociais às mediações constitutivas – comunicação, cultura e política – inerentes ao Colégio Estadual do Paraná. As mediações comunicativas da cultura obedecem a explicação conceitual do autor (discorridas a seguir e tensionadas com o *corpus* da análise). Porém, as mediações empíricas foram adaptadas de acordo com o contexto comunicativo da escola.

As matrizes culturais são compreendidas como a memória coletiva e a cultura do espaço pesquisado; a lógica da produção segue o entendimento das normas e regras que regem a criação e os discursos no contexto educativo; os formatos industriais são compreendidos como as mais variadas formas de expressividade – são os processos comunicativos simbolizados pela pluralidade dos modos de fazer e usar a escola; e a competência da recepção significa a apropriação dos sentidos (compartilhados pelos jovens alunos) por outros sujeitos que integram a espacialidade do CEP (professores, pais e funcionários), bem



como pela sociedade em geral – esta dimensão do mapa não foi tensionada, pois o objetivo não é entender como esses significados comunicados pelos estudantes são apreendidos pelos demais.

O conjunto da análise ilustra as práticas cotidianas mais significativas na cultura da escola, concretizadas pelos processos comunicativos e materializadas pelas mediações comunicativas da cultura. Destaca-se que, tanto as práticas quanto as mediações muitas vezes se entrelaçam e coexistem em um mesmo processo comunicativo. Para melhor organizar os argumentos analíticos, optou-se por trabalhar com as categorias já anunciadas das práticas sociais cotidianas.

#### 4.1. Categoria: Orgulho da história do colégio

A análise identificou que uma das formas que os jovens encontram para expressar o **orgulho da história do colégio** aos seus pares, como também à sociedade, foram os sites de redes sociais. Um exemplo é a postagem na página do Facebook “Voz Ativa” – espaço virtual atualizado por um dos alunos do colégio<sup>4</sup>.

O conteúdo ressalta a importância dos novos estudantes conhecerem e respeitarem a história da instituição, bem como inserem o sentimento de pertencimento e de identificação com o colégio citando, por exemplo, que as pessoas “sintam essa magia” (Facebook Voz Ativa, 2016).

De acordo com o texto da Figura 4, o tempo vivido no CEP “será uma das melhores experiências de suas vidas, e a criação de seu segundo lar”. E, novamente, na Figura 5, a postagem encerra com “O CEP é história”.

O circuito comunicativo provocado pelo jovem autor da página “Voz Ativa” se apoiou no site de rede social para vincular o **orgulho da história do colégio** à trama cultural do CEP. Para materializar

<sup>4</sup> Esta página do Facebook foi criada, atualizada e gerida por um aluno que estudou no CEP até dezembro de 2015. As postagens continuaram até o dia 30 de abril de 2016, quando o jovem informou, via Facebook, que as atividades da página “Voz Ativa” seriam encerradas.

Figura 4 – Postagem da Página “Voz Ativa” no dia 27/01/2016

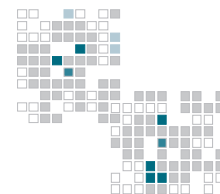


Fonte: Página “Voz Ativa” no Facebook (2016).

esse processo, a complexidade comunicativa se realizou, nestes casos, a partir da socialidade e da tecnicidade – mediações comunicativas da cultura.

Segundo Martín-Barbero (2004), a socialidade é vista como as relações do cotidiano que estruturam a junção de grupos de pessoas ancorados na interpelação e constituição das identidades e do pertencimento. Ou seja, ao escrever “melhores experiências de suas vidas”, “criação de seu segundo lar” e “o amor que sentirão”, a postagem traz elementos do cotidiano da escola aos novos alunos para construir a ideia de unidade e envolver os sujeitos à trama simbólica do CEP, mesmo antes do ano letivo iniciar.

Neste exemplo, a prática cotidiana chamada de **orgulho da história do colégio** se manifestou por meio da materialidade da interação comunicativa em uma plataforma digital. É a tecnicidade, mediação que remete “à constituição – ao longo dos processos históricos – de gramáticas discursivas originadas em formatos de sedimentação de saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas” (Martín-Barbero, 2004, p. 236). Esta mediação comunicativa da cultura é mais que um artefato, pois articula a inovação tecnológica à discursividade





nas práticas sociais. Ao consolidar **o orgulho da história do colégio** pela plataforma do Facebook, a processualidade da tecnicidade envolveu os novos alunos na rede de significações do colégio. “É nesse novo espaço comunicacional, já não mais tecido de encontros e multidões, mas de conexões, fluxos e redes, onde emergem novas formas de estar juntos” (Martín-Barbero, 2014a, p. 133).

#### 4.2. Categoria: Engajamento político

Um dos momentos políticos visualizados como fundamental ao trinômio comunicação-cultural-política foi a participação dos estudantes na greve dos professores de 2015. Quando se deslocavam do colégio até o local de concentração dos manifestantes, o grupo de jovens sempre levava diversos cartazes com frases que representavam a atuação dos alunos na luta pelas reivindicações. Além disso, quando chegavam em frente ao Palácio do Governo, sentavam nas escadas e erguiam os cartazes para que todos os presentes pudessem visualizar o que queriam dizer.

A jovem L.D.<sup>5</sup> explica que levar cartaz em manifestação é uma importante forma visual para chamar a atenção. “Porque às vezes você tá gritando e tem alguém do prédio olhando e não escuta você, mas vê o cartaz” (L.D., 2016). Ideia compartilhada pelo estudante O.B:

O cartaz ele emociona, tem toda uma questão, assim, tem que ser segurado de uma maneira correta, também, já vi gente segurando cartaz de um jeito..., tá ligado, daí não pega. Mas você pega às vezes foto que circula por tudo, que tá a pessoa chorando, assim, segurando o cartaz e uma frase de impacto, aí, pô, você vê um estudante, chorando, se emocionando mesmo por causa daquilo é uma coisa séria, assim. (O.B, 2016).

Movimentos como este levam “a descobrir que a cidade já não é só um ‘espaço ocupado’ ou cons-

truído, mas é também um *espaço comunicacional*, que conecta entre si seus diversos territórios e os conecta com o mundo” (Martín-Barbero, 1998, p. 6, grifos do autor).

Novamente, a socialidade é nítida neste processo de interação social, pois, ao se articularem em grupo, caminharem em passeata, sentarem em um local de exposição uniformizados com as cores e o símbolo do colégio e levantarem os cartazes, os alunos se juntam na busca do pertencimento com base em seus referenciais ligados à escola. Por meio das redes de socialidade, segundo Borelli, Rocha e Oliveira (2009, p. 42), “alguns coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem”. Ou seja, ao atuarem em movimentos com uma intencionalidade, “se apropriam dos espaços públicos, transformando-os, mesmo que efemeramente, em ‘lugares seus’” (Ibidem, p. 43).

A institucionalidade também se enreda nesses processos comunicativos quando os alunos saem às ruas uniformizados e ecoando gritos de guerra que citam o nome da instituição escolar. Percebe-se que a representatividade que os alunos buscam não é apenas a de jovens estudantes, mas sim a de estudantes do Colégio Estadual do Paraná, como conta a aluna L.M:

*Usar o uniforme foi um jeito de organização e de mostrar que erámos estudantes ali. Às vezes, a gente chegava lá [local das manifestações] e já tinha aluno do colégio. O povo via a gente dobrando a esquina e já ia somando, porque via aquela galera de calça azul e já via quem era. Acho que o CEP tem muito disso, os alunos têm orgulho de estudar aqui e a gente sente isso todos os dias. (L.M., 2015).*

Borelli, Rocha e Oliveira (2009, p. 14-15) reiteram que “os jovens assumem o caráter midiático

<sup>5</sup> Para preservar a identidade dos alunos, os mesmos serão identificados pelas iniciais de seus nomes.

de suas existências, seja usando o corpo como suporte expressivo, seja utilizando a cidade como suporte para inscrição de suas marcas identitárias”.

Além disso, durante a greve dos professores, vários materiais audiovisuais foram criados pelos alunos e compartilhados na internet. Nestes vídeos, os jovens contam suas histórias vividas durante as manifestações, mostram seus pontos de vista sobre o movimento e se tornam visíveis. O aluno F.P., que esteve à frente deste movimento estudantil, explica que eles tiveram uma repercussão de boca a boca pela internet. “Mas o pessoal precisava ter uma noção mais ou menos do que tinha acontecido

lá [manifestações durante a greve]. E os vídeos eram esse recurso” (F.P., 2015). A estudante L.M. complementa: “Depois que passou a greve e eu me via no vídeo com a voz rouca de tanto gritar eu pensava, ‘meu, valeu muito a pena.’ A gente cresceu muito aqui dentro [colégio]. E os vídeos e as redes sociais fizeram com que a gente conseguisse isso” (L.M., 2015).

Martín-Barbero (2014b) afirma que é no coletivo, em especial, que está a possibilidade das pessoas serem levadas em consideração e que depende da capacidade dos relatos darem conta da tensão entre o que somos e o que queremos ser. De acordo com o teórico, o que reativa as identidades como motor de luta é, hoje, inseparável da “demanda de reconhecimento e de sentido” (Martín-Barbero, 2014b, p. 24).

Assim, ao contribuir com a potencialização das capacidades de associação e de coletividade dos estudantes, as tecnologias – neste caso o vídeo e a internet – expressam a criatividade, o protagonismo e o posicionamento desses jovens em meio a um acontecimento de repercussão internacional. “A socialidade, gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se, é por sua vez lugar de ancoragem da *práxis* co-

Figura 5 – Composição de imagens de autoria dos alunos divulgada na Página “Todos” (11/11/2015)



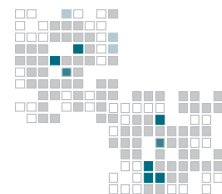
Fonte: Página “Todos” no Facebook (2015).

municativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação” (Martín-Barbero, 2003, p. 17).

*Os vídeos serviram pra gente se identificar dentro daquilo que a gente estava fazendo. Você chegar em (sic) casa e estar na sua timeline, várias vezes, a foto daquele grupo que você estava, daquele grupo que foi você quem começou. E o legal era que a galera não via a gente como a frente do movimento, pois todos se sentiam o movimento. Todo mundo tinha um motivo pra estar ali. Os vídeos e o reconhecimento da mídia e dos professores fizeram com que desse um gás pra galera continuar e, mesmo cansada, estar ali no outro dia. (L.M., 2015).*

O depoimento de L.M. ajuda a pensar a tecnicidade não mais como instrumento, mas sim convertida em estrutura da cultura na sociedade. “Pois a *tecnologia* remete hoje não só, e nem tanto, à novidade dos aparatos, mas também a novos modos de *percepção* e de *linguagem*, a novas sensibilidades e escrituras” (Martín-Barbero, 2014b, p. 25, grifos do autor).

A tecnicidade se refere a uma transformação material em discurso, percebida “no modo de



**Figura 6** – Painel de fotos e poesia



Fonte: Próprias autoras (2015).

mobilizar a câmera, no som, na música, no texto, no cenário, no figurino, entre outros modos de produzir um discurso através dos meios de comunicação” (LOPES, 2014, p. 74). A linguagem audiovisual inserida no meio digital colabora para essas percepções e sensibilidades uma vez que aponta para a constituição de uma visibilidade cultural.

De acordo com Lopes (2014, p. 74), o que está implícito em processos como estes é a “recusa do sentido instrumental de tecnologia tão desenvolvida nos estudos de comunicação. Reconhecer a envergadura que a tecnicidade tem hoje, não mais como instrumento, mas incrustada na estrutura mesma do conhecimento e da vida cotidiana” é essencial para compreender o uso de plataformas digitais como práticas sociais e culturais que provocam novas formas de socialidade.

#### 4.3. Categorias: Expressão artística e Equidade de gênero

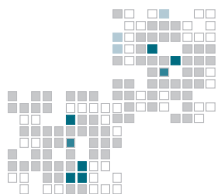
A arte e a equidade de gênero também são elementos significativos que tecem a simbologia do Colégio Estadual do Paraná. Elas são comunicadas, principalmente, por meio de processos

concretizados pela fotografia, pela dança, pela poesia etc. Como evidencia a imagem a seguir, divulgada na página do Facebook “Todos”, uma das chapas que concorreu ao GECEP em 2015.

A composição de fotos mostra o varal cultural, exposto no pátio escolar e usado como um processo comunicativo durante a campanha eleitoral para o grêmio. A gramática discursiva escolhida pelos alunos integrou o uso do celular para fotografar o varal e dos sites de redes sociais para que a comunicação alcançasse mais pessoas – inclusive quem não estuda no colégio. A base comunicativa está ligada à prática cotidiana categorizada como **expressão artística** – processo este que traz diferentes modos de sentir e que ressignifica o universo da escola.

A análise da Figura 6 segue a mesma esteira de compreensão da Figura 5. A imagem expõe um painel com fotos e poesia que expressam questionamentos sobre o papel da mulher em uma sociedade machista e que cultua o corpo.

Nestes casos, a **expressão artística** se articula com outras duas práticas sociais: o **engajamento político** e a **equidade de gênero**. O varal foi usado durante a campanha para o grêmio, ou seja, foi a estratégia encontrada pelo grupo de alunos para comunicar suas propostas políticas em prol da instituição. Sobre a **equidade de gênero**, o texto de um dos cartazes evidencia que esta questão faz parte da plataforma eleitoral: “As gay, as bi, as trans e as sapatão. TODxS organizadas para fazer revolução”. Já o painel com fotos e poesia materializa o pensamento da aluna sobre a mulher, que denuncia o culto à perfeição do corpo, mas também reflete seus sentimentos e seus modos de ser jovem, como demonstra um dos trechos deste texto: “A pressão vem de todos os lados. Há tantas regras e contradições da nossa sociedade que não sabemos mais o que é correto. (...) Insegurança, angústia, dor, complexos com a aparência física, dúvidas, busca pela perfeição” (Aluna CEP, 2015).



Os conteúdos representam as formas de ver e de sentir o mundo por parte desses jovens. Na trilha das definições de Martín-Barbero, o entrelaçamento dessas práticas com os respectivos circuitos comunicativos pode ser relacionado com a ritualidade. O autor explica que “as ritualidades constituem também gramáticas de ação – do olhar, do ouvir, do ler – que regulam a interação entre espaços e tempos” (Martín-Barbero, 2004, p. 231-232).

### 5. Considerações finais

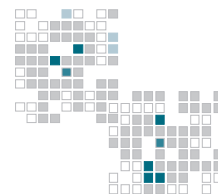
O texto aponta que, para que as práticas analisadas como as mais recorrentes e simbólicas aos sujeitos da pesquisa – **orgulho da história do colégio; engajamento político; equidade de gênero; expressão artística** – alcancem expressividade, os estudantes as comunicam por variados processos comunicativos, que trazem, em sua materialidade, não só o caráter instrumental entre a forma e o conteúdo, mas, principalmente, as mediações comunicativas da cultura: **tecnicidade; socialidade; ritualidade; institucionalidade**.

Uma das discussões é que a institucionalidade está presente na dimensão comunicativa em uma relação dialética. Os discursos produzidos pelos jovens sofrem regulações institucionais, seja da direção da escola, da família ou até do grêmio estudantil. Porém, são também construídos para questionar a institucionalidade – seja escolar ou de outros âmbitos da sociedade –, explorando, em alguns momentos, símbolos da própria instituição de ensino, como o uso do uniforme em movimentos sociais fora dos muros da escola. Grande parte das ações coletivas promovida pelos jovens do CEP comunica a busca da independência em relação às organizações formais. Para isso, criam mecanismos alternativos que exprimem seus modos de ser e de ver o mundo.

Esse caráter de alternatividade comunicativa pode ser visto na ritualidade. Os alunos requerem novas gramáticas de ação para se comunicarem, as quais não necessariamente seguem a lógica linear da narratividade. Novos ritmos e nexos simbólicos fazem parte do viver cotidiano dos jovens do Estadual para que possam expressar o que pensam e sentem e para interagir com o espaço e o tempo. Um dos exemplos é o rito dos gritos de guerra, seja dentro ou fora da instituição. A comunicação presente nas palavras de ordem que compõem os gritos (criadas, ensaiadas, repetidas, improvisadas) produz sentido para ser compartilhado em um jogo relacional de significações. Tais sentidos são ressignificados quando chegam às ruas e depois, quando retornam ao espaço escolar, reverberam novamente reconfigurados.

Já a tecnicidade está articulada na maioria dos processos comunicativos investigados. O uso coletivo da comunicação por meio dos vídeos, dos sites de redes sociais, da fotografia etc. se entrelaça às práticas sociais cotidianas como novas gramáticas discursivas. Ao propiciar a coletividade e a visibilidade das vozes da juventude, a tecnicidade serve como novos espaços participativos e de resistência. Além disso, esta mediação também motiva novas formas de socialidades quando provoca o sentimento de pertencimento ao grupo de pares, às causas dos engajamentos estudantis, à memória coletiva da escola e aos modos de ser jovem.

Por fim, o trabalho também identificou que a socialidade é processo fundante para as relações cotidianas dos jovens pesquisados. Interligada à coletividade e à descoberta dos jovens de quem são e como se veem, a socialidade se relaciona à afetividade, à polissemia dos modos de ser, aos reencontros, às intervenções nos espaços públicos e à ressignificação identitária.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORELLI, Sílvia Helena Simões; ABOBOREIRA, Ariane. Teorias/metodologias: trajetos de investigação com coletivos juvenis em São Paulo/Brasil. *Rev. Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud*, v. 1, n. 9, p. 161-172, 2011.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (org.). *Jovens na Cena Metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação*. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008. 132.
- \_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. E.P. 2015. Depoimento fornecido às autoras em agosto de 2015; sem não publicizado.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. L. Quére: dos modelos da comunicação. *Rev. Fronteiras - Estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.
- L.D., 2016. Depoimento fornecido às autoras em dezembro de 2016; sem não publicizado.
- L.M. 2015. Depoimento fornecido às autoras em agosto de 2015; sem não publicizado.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Mediação e Recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação*. *Rev. Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, jan./jun. 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Editora Contexto, 2014a.
- \_\_\_\_\_. *Cidade virtual: novos cenários da comunicação*. *Rev. Comunicação e Educação*, São Paulo, n. 11, p. 53-67, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Diversidade em convergência*. *Rev. Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 15-33, jul./dez. 2014b.
- \_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Ofício de Cartógrafo - Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Tradução de: GONZÁLES, Fidelina. 3. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.
- O.B., 2016. Depoimento fornecido às autoras em dezembro de 2016; sem não publicizado.
- OROZCO GÓMEZ; Guillermo. “Televidencias”, una perspectiva epistemológica para el análisis de las interacciones con la televisión. In: OROZCO GÓMEZ; Guillermo (Coord.) *Lo viejo y 136 lo nuevo: investigar la comunicación en el siglo XXI*. Madri: Ediciones de la Torre, 2000. p. 109-119.

